



EESC Info

European Economic and Social Committee

A bridge between Europe and organised civil society

February 2022 | PT

EDIÇÃO ESPECIAL DO CESE INFO – Prémio para a Sociedade Civil 2021

A perspetiva dos cidadãos – 3.ª temporada, episódio 16: Verde que te quero verde

Uma transição justa e ecológica só é possível com o contributo da sociedade civil. Em toda a UE, muitas organizações e cidadãos desenvolvem ações inovadoras e centradas nas pessoas para lutar contra as alterações climáticas. Em 2021, o CESE decidiu atribuir o Prémio para a Sociedade Civil a cinco organizações que dão um importante contributo para fazer face aos desafios das alterações climáticas. Neste episódio de «A perspetiva dos cidadãos», convidámo-las a contar as suas histórias.

Cillian Lohan, vice-presidente do CESE responsável pela Comunicação, explicou-nos porque é fundamental não ignorar as ações climáticas levadas a cabo por inúmeros cidadãos e comunidades no terreno. **Guy de Koninck**, membro da Grootouders voor het klimaat (Avós pelo Clima) (BE), a associação vencedora do primeiro prémio, deu-nos a conhecer melhor o projeto «As nossas poupanças pelo futuro das próximas gerações» e os seus esforços para promover a solidariedade entre gerações. **Monica Guiteras**, representante da Engenheiros sem Fronteiras Catalunha (ES), que recebeu o segundo prémio, falou-nos da luta desta associação contra a pobreza energética, ajudando as pessoas afetadas a encontrar e a exprimir a sua voz. O romeno Costin Dragne descreveu-nos o projeto «edButtonClick», organizado pela ONG Ateliê Sem Fronteiras, que promove a economia circular e combate a injustiça social. O estúdio de desenvolvimento urbano Prostorož faz face ao problema da subida das temperaturas em Liubliana, na Eslovénia. **Zala**

Velkavrh contou-nos tudo sobre este projeto criativo que lhes valeu o prémio. Por último, ouvimos **Madis Vasser**, da coligação de ONG ecológicas da Estónia, que nos explicou como reuniram diferentes grupos de interesse à mesma mesa para debater a transição, naquele país, do petróleo de xisto para uma energia mais ecológica, sem deixar ninguém para trás. (tk/ll)

Available Languages:

ES	BG	CS	DA	EN	DE	ET	FR	EL	GA	HR	IT	LV	LT	HU	MT
NL	PL	PT	FI	RO	SK	SL	SV								

EDITORIAL



Editorial

SEJAMOS PARTE DA SOLUÇÃO E NÃO DO PROBLEMA!

Caras leitoras, caros leitores,

A mais recente edição do Prémio CESE para a Sociedade Civil foi dedicado a um tema que me é particularmente caro – a ação climática.

Seria de esperar que, à hora atual, a crise climática já fosse um dado adquirido tão amplamente aceite que o mundo inteiro estaria já mobilizado na procura de soluções para evitar a sua própria destruição. Mas a verdade é que, apesar dos muitos esforços envidados nesse sentido, ainda não estamos a fazer o suficiente.

Daí ser importante continuar a repetir que as alterações climáticas podem chegar em breve a um ponto de não retorno, ameaçando a existência do mundo tal como o conhecemos.

Portanto, nunca é demais sublinhar a importância de unirmos todos os nossos esforços para agir contra as alterações climáticas. E é uma responsabilidade de que nenhum de nós está isento.

O CESE considera que o êxito do Pacto Ecológico Europeu – no âmbito do qual a UE se comprometeu a alcançar a neutralidade climática até 2050 – depende da ação e do empenho de todos os intervenientes. Os cidadãos e as organizações da sociedade civil desempenham um papel fundamental ao contribuírem para a mudança de normas e comportamentos, tornando as

economias locais mais ecológicas ou impulsionando a transição a nível local ou regional.

Ao dedicar a edição de 2021 do Prémio para a Sociedade Civil à ação climática, o CESE pretendeu distinguir e dar a conhecer os esforços de proteção do clima envidados, até à data, por intervenientes não governamentais.

Escolhemos os vencedores de entre os projetos que apoiam uma transição justa e ecológica para uma economia hipocarbónica. Pretendíamos não só incentivar os projetos em curso como também inspirar novos projetos, e creio que o conseguimos!

Deparamo-nos com uma tal diversidade de ideias que não podemos deixar de ter esperança de que é possível vencer esta batalha. Recebemos dos quatro cantos da Europa projetos que lutam contra as alterações climáticas de forma inspiradora e criativa. Não foi fácil escolher os vencedores e sentimos que cada um dos candidatos merece ser reconhecido. Para mais informações sobre todos eles, consulte a nossa brochura dedicada ao prémio deste ano.

Optámos por premiar cinco projetos extraordinários, cada um à sua maneira, que dão resposta a algumas das questões mais prementes que enfrentamos quando falamos da transição para uma economia e uma sociedade sem impacto no clima.

Em virtude do seu trabalho notável, os cinco vencedores promovem o investimento sustentável e chamam a atenção para o papel valioso das gerações mais velhas; combatem a pobreza energética dando voz às pessoas que se encontram nessa situação; fazem da economia circular um realidade no terreno e, ao mesmo tempo, promovem ativamente a justiça social; combatem o aquecimento urbano lançando aplicações inventivas e interativas ou juntando à mesa todos os intervenientes na transição energética, pondo-os a debater os problemas de forma aprofundada e a procurar soluções viáveis.

Na cerimónia de entrega dos prémios, realizada em 9 de dezembro, em Bruxelas, não pude deixar de me sentir especialmente privilegiado por ter tido a honra de entregar os prémios aos nossos cinco vencedores. Nesta edição, poderá conhecer melhor os seus projetos fantásticos e os premiados lendo as suas entrevistas. Lançaremos também um *podcast* em que cada um deles nos falará dos seus planos futuros e da forma como o prémio do CESE os incentivou a prosseguir o seu trabalho.

Nesta edição, poderá também ler um artigo sobre um dos vencedores da edição de 2020 do Prémio para a Solidariedade Civil, que acaba de receber um prestigiado prémio para o clima no Reino Unido. Ficámos particularmente sensibilizados por saber que o prémio do CESE fez a diferença, permitindo levar por diante os seus projetos e lançar novas ideias, que começaram a granjeiar elogios e reconhecimento. É isto que nos orgulha, mas também nos impele a dar continuidade ao Prémio CESE para a Sociedade Civil, a fim de chamar a atenção para o trabalho extraordinário que as organizações da sociedade civil e os cidadãos desenvolvem no terreno para dar resposta a todo o tipo de problemas em toda a União Europeia!

Para concluir, desejo-lhe boa leitura e lembre-se de que todos temos de participar e fazer a nossa parte na luta contra as alterações climáticas, por muito pequenos ou grandes que esses gestos, ou mesmo sacrifícios, possam ser. Não sejamos parte do problema, mas sim da solução!

Cillian Lohan

Vice-presidente do CESE responsável pela Comunicação

PRÉMIO PARA A SOCIEDADE CIVIL 2021 NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O Prémio para a Sociedade Civil 2021 tem sido manchete em vários meios de comunicação social

Bélgica – De wereld morgen: [Grootouders voor het Klimaat wint belangrijke Europese prijs](#)

Bulgária – Politika: [Асоциация на пенсионери получи европейска награда за гражданско общество и опазване на климата](#)

Croácia – Tportal.hr: [U Nagradu civilnog društva posvećenu klimi osvojila je belgijska udruga "Bake i djedovi za klimu"](#)

Itália – Apiceuropa: [Premio CESE per la società civile 2021](#)

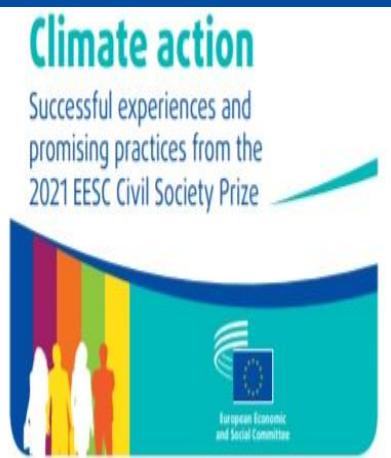
Espanha – El Diario: [Las asambleas contra la pobreza energética en Barcelona, premiadas por la UE](#)

Roménia – Bursa: [Tara noastră a fost premiată de Comitetul Economic și Social European pentru implicarea în acțiuni climatice](#)

NEW PUBLICATIONS

[Veja os projetos do Prémio para a Sociedade Civil 2021](#)

Para ver o vídeo sobre os projetos vencedores clique aqui.



Por uma transição justa – querer é poder!

O CESE publicou uma brochura em que apresenta os cinco vencedores da edição de 2021 do Prémio para a Sociedade Civil. A brochura inclui também factos interessantes sobre muitos outros projetos climáticos de destaque, juntamente com uma grande variedade de informações sobre o trabalho do CESE no domínio do clima e sobre o prémio.

Pode descarregar a brochura através da seguinte ligação:

[\(em inglês\) \(II\)](https://www.eesc.europa.eu/sites/default/files/files/qe-01-21-440-en-n.pdf)

NOTÍCIAS DO CESE

Associação belga «Avós pelo Clima» vence edição de 2021 do Prémio CESE para a Sociedade Civil, dedicado à ação climática

Em 9 de dezembro, o Comité Económico e Social Europeu (CESE) entregou prémios a cinco organizações e associações sem fins lucrativos cujos projetos criativos e inspiradores no domínio do clima promovem uma transição justa e ecológica para uma economia hipocarbónica e resiliente às alterações climáticas.

O prémio de 50 000 euros foi repartido pelos cinco projetos vencedores. A associação belga «Avós pelo Clima» recebeu o primeiro prémio, no valor de 14 000 euros. Cada uma das quatro outras associações recebeu 9 000 euros.

Estas quatro associações finalistas foram classificadas na seguinte ordem: a associação espanhola Engenheiros Sem Fronteiras da Catalunha, a associação romena Ateliê Sem Fronteiras, o estúdio de urbanismo esloveno Prostorož e a rede de ONG estónias Movimento Verde da Estónia / Fundo estónio para a Natureza e Centro de Direito Ambiental da Estónia.

Na cerimónia de entrega dos prémios, realizada em linha e em Bruxelas, a presidente do CESE, **Christa Schweng**, felicitou os cinco vencedores e todos os participantes no concurso: «*Os projetos apresentados têm valor e dão provas de criatividade em diversas áreas relacionadas com o clima. Acreditamos firmemente que projetos como estes contribuirão para alcançar a neutralidade climática e uma transição justa. Enquanto forte defensor do Pacto Ecológico Europeu, o CESE está profundamente convicto de que é necessário colocar os cidadãos e as empresas no centro da transição ecológica e garantir que ninguém é excluído.*»

O vice-presidente do CESE responsável pela Comunicação, **Cillian Lohan**, afirmou: «*Para combater as alterações climáticas, precisamos da participação ativa de todos os segmentos da sociedade. E temos de passar da consulta e da participação do topo para a base para um modelo baseado na conceção conjunta, na cocriação e na capacitação. Histórias positivas, como os projetos dos nossos vencedores, ilustram esta conceção conjunta e cocriação. Também promovem a participação das pessoas e das organizações. Esta riqueza de ideias dá-nos a convicção de que a luta contra as alterações climáticas está longe de estar perdida.*»

VENCEDORES DA EDIÇÃO DE 2021 DO PRÉMIO PARA A SOCIEDADE CIVIL

O primeiro prémio da edição de 2021 foi atribuído a uma associação de avós da região belga da Flandres. Os membros da **Grootouders voor het Klimaat (Avós pelo Clima)** afirmam que estão a tentar deixar um mundo melhor e mais sustentável para os seus netos. Com a sua campanha «As nossas poupanças para o seu futuro», a associação incentiva cerca de 2,4 milhões de avós belgas a redirecionarem as suas poupanças, que ascendem a cerca de 910 mil milhões de euros em ativos, para projetos mais sustentáveis.

A campanha dirige-se também ao setor financeiro e ao governo, incentivando um comportamento sustentável por parte dos investidores e das instituições e apelando a que se orientem para o financiamento sustentável. Além disso, a associação promove a literacia financeira entre os estudantes. Pretende salientar o papel fundamental que os idosos podem desempenhar na ação climática.

Ao aceitar o prémio, o porta-voz da Grootouders voor het Klimaat, **Guy De Koninck**, afirmou: «*É uma honra receber o prémio conjuntamente com outros quatro projetos extraordinários. Estamos preocupados com o planeta. Ouvimos os apelos dos jovens e juntámo-nos às suas manifestações pelo futuro. Se o dinheiro faz girar o mundo, hoje o mundo está a girar na direção errada. Temos de inverter esta tendência e é esse o objetivo da nossa campanha. O dinheiro de que dispomos pode contribuir para a mudança e é esta a mensagem que temos vindo a transmitir aos governos, aos bancos e aos outros avós. Ganhar este prémio é um importante apoio moral e financeiro para a nossa campanha.*»

O segundo prémio foi atribuído à associação espanhola **Associació Catalana Enginyeria Sense Fronteres (Engenheiros Sem Fronteiras da Catalunha)**. Num momento em que 11% dos agregados familiares espanhóis são confrontados com a pobreza energética, esta associação catalã luta por uma justiça climática assente nos direitos humanos. Permite às pessoas em situação de pobreza energética participar nos debates em curso sobre as emergências climáticas e visa capacitar as pessoas desfavorecidas a exercerem o seu direito fundamental de acesso aos serviços básicos.

A associação romena **[Ateliere Fara Frontiere \(Ateliê Sem Fronteiras\)](#)** recebeu o terceiro prémio. O seu projeto «educlick» combate a injustiça social e sensibiliza para as vantagens da economia circular. A associação emprega pessoas marginalizadas, que se dedicam ao reaproveitamento de resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos. Estes equipamentos são depois doados a escolas de zonas desfavorecidas e a organizações que trabalham com crianças vulneráveis.

O quarto lugar foi atribuído ao estúdio de urbanismo esloveno **[Prostorož](#)**, que mobilizou os habitantes da capital eslovena, Liubliana, para combater os efeitos das alterações climáticas na sua cidade – uma das cidades do mundo em que as temperaturas estão a aumentar mais rapidamente. O seu projeto «Hot Spots» convidou as pessoas a indicarem num mapa digital os locais da cidade com temperaturas mais elevadas, e recebeu uma grande quantidade de reações sobre o que deve ser feito para evitar o sobreaquecimento.

O quinto prémio foi atribuído à rede de ONG estónias **[Movimento Verde da Estónia/Fundo estónio para a Natureza](#)** e **[Centro de Direito Ambiental da Estónia](#)**, que está a lutar para mudar a percepção sobre as energias renováveis num país com uma das maiores pegadas de carbono da UE. Esta rede criou uma plataforma de diálogo entre todas as partes sobre a transição energética no nordeste da Estónia, onde a indústria do xisto betuminoso deverá ser progressivamente eliminada, o que não suscita muito entusiasmo.

SOBRE O PRÉMIO PARA A SOCIEDADE CIVIL DE 2021

O tema deste ano, «Ação climática», atraiu dezenas de candidaturas, provenientes de 24 países. Foi apresentada uma vasta gama de projetos, ilustrando as abordagens inovadoras que as organizações da sociedade civil e os indivíduos estão a adotar para fazer face à emergência climática.

O prémio demonstrou o papel fundamental desempenhado pelo nível local para alcançar a neutralidade climática até 2050, em consonância com o compromisso assumido pela UE no âmbito do Pacto Ecológico Europeu. O CESE espera que o seu prémio incentive a sociedade civil a contribuir para tornar as economias locais mais ecológicas e a continuar a mudar os padrões, os comportamentos e os sistemas que nos colocaram às portas da crise climática.

O Prémio para a Sociedade Civil visa recompensar a «excelência em iniciativas da sociedade civil». Todos os anos, o prémio é subordinado a um aspeto diferente do trabalho do CESE. Em 2019, o tema foi a igualdade de género e a emancipação das mulheres. Em 2020, o CESE lançou o Prémio para a Solidariedade Civil, de edição única, dedicado à luta contra a COVID-19.

Mais informações sobre o Prémio para a Sociedade Civil de 2021 estão disponíveis [aqui](#). (II)



Sabia que...?

- O vencedor do Prémio para a Sociedade Civil 2021, «Avós pelo Clima», conta com o apoio de muitos embaixadores. Entre as inúmeras personalidades de renome envolvidas, a mais famosa é Jane Goodall, a lendária investigadora de chimpanzés que é a maior autoridade mundial nesta espécie. Jane Goodall foi escolhida como 100.º embaixadora dos Avós pelo Clima em outubro de 2020.
- Cada computador que é recondicionado em vez de ir para o lixo permite poupar 144 kg de CO₂. Entre 2008 e 2021, o vencedor romeno, «Oficina sem Fronteiras», recondicionou e doou quase 25 000 computadores. Calcule quantos quilos de CO₂ esta iniciativa já permitiu poupar!
- O projeto «Pontos Quentes», do vencedor esloveno, aborda o problema das ilhas de calor urbanas em Liubliana, a cidade que registará o aquecimento mais rápido a nível mundial segundo projeções recentes. De acordo com as referidas projeções, em 2050, as condições meteorológicas em Liubliana serão semelhantes às de Virginia Beach, nos EUA. O mesmo destino aguarda a Europa Central e os Balcãs, regiões para as quais se prevêem as subidas de temperatura mais significativas, que tornarão o seu clima semelhante ao das cidades do Texas nos EUA.
- A organização espanhola «Associação de Engenheiros sem Fronteiras Catalunha» combate a pobreza energética, dando voz às pessoas afetadas, que constituem 11% dos agregados familiares espanhóis. As estatísticas mostram que, em Espanha, a pobreza energética provoca mais mortes prematuras do que os acidentes de viação. Em 2019, 100 000 europeus morreram devido a casas mal aquecidas, e mais de 50 milhões viviam em casas que apresentavam fugas no telhado e paredes ou pavimentos com humidade. No mesmo ano, perto de 80 milhões de pessoas na UE não conseguiam pagar, ou pagavam com atraso, as faturas dos serviços de utilidade pública.
- O vencedor estónio, a rede de ONG ambientais daquele país, promove a mudança para as fontes de energia renováveis através da organização de um diálogo frutuoso entre todas as partes interessadas. A Suécia lidera a produção de eletricidade a partir de fontes renováveis na UE, embora, até à data, a quota-parte das energias renováveis no abastecimento de energia primária seja mais elevada na Noruega e na Islândia. Malta tem a percentagem mais baixa de energias renováveis de todos os países da UE.



 EESC CIVIL SOLIDARITY PRIZE 

Notícias de antigos vencedores

Nada novo em 22 - Missão: reduzir os resíduos

Uma das organizações vencedoras da edição do ano passado do Prémio CESE para a Solidariedade Civil, a Cherwell Collective, do Reino Unido, foi galardoada recentemente com um prestigiado prémio britânico no domínio do clima graças ao seu novo projeto de economia circular. Esta empresa sem fins lucrativos, sediada em Oxford, venceu o nosso prémio em 2020 por fornecer alimentos aos habitantes com necessidades durante a crise da COVID-19, ao mesmo tempo que os ensinou a cultivar os seus próprios alimentos e a aproveitar da melhor forma todos os produtos alimentares excedentários.

Desde então, utilizou o dinheiro do prémio do CESE para reforçar o seu apoio às pessoas vulneráveis, mas também para levar avante a sua missão de reduzir a pegada de carbono da sua comunidade, e passou a ser o parceiro principal do novo projeto WISH (*Waste Innovation Station Headquarters*), em Oxfordshire, Reino Unido.

O projeto assenta na visão de uma economia circular em que não se compra nada novo até estarem esgotadas todas as opções para manter um artigo em circulação. Esta iniciativa já teve início, com uma campanha intitulada «Nothing New in 22» [Nada novo em 22], que apela às pessoas para assumirem o compromisso de não comprarem nada novo

em 2022 num determinado setor. O projeto foi recebido com grande entusiasmo e é alvo de amplo reconhecimento no Reino Unido. Em 25 de janeiro, a Cherwell Collective recebeu verbas do fundo da Comunidade da Lotaria Nacional destinado à ação climática, que servirão para financiar o projeto WISH.

A fundadora da **Cherwell Collective**, **Emily Connally**, explicou-nos que o prémio do CESE fez uma enorme diferença para esta organização sem fins lucrativos.

*«O prémio do CESE impulsionou a nossa inspiração para o projeto seguinte e ajudou a financiar esse trabalho. Estou perfeitamente convicta de que o prémio do CESE nos abriu as portas para o sucesso que vivemos atualmente. Éramos uma empresa nova, e o prémio conferiu-nos legitimidade e reconhecimento pela nossa inovação. Disponibilizou-nos fundos, que nos deram a liberdade de perguntar à comunidade quais eram os seus desejos. Poupámos esses fundos e utilizámo-los para satisfazer os desejos dos nossos utentes», afirmou **Emily Connally**.*

Nos inquéritos realizados, os utentes não revelaram consenso quanto à necessidade de alimentos específicos, mas antes um desejo comum de receber tudo o que, de outro modo, poderia ser desperdiçado.

Em consonância com os desejos expressos, a **Cherwell Collective** e os seus parceiros criaram o projeto WISH, que chega a mais de 50 000 pessoas coletivamente, concebido para orientar a comunidade para uma pegada de carbono reduzida através de ações de sensibilização e de demonstrações sobre a forma de reduzir os resíduos.

O projeto WISH também inclui um museu de ciência interativo, onde todas as exposições são feitas a partir de resíduos, informando o público sobre a pegada de carbono desses resíduos. É possível assistir a

demonstrações e receber estojos de bricolagem para reduzir os resíduos, reparar artigos e reduzir o consumo ou a procura de novas linhas de produtos.

«Apelamos às pessoas para que se comprometam a apoiar uma economia circular. A ideia é consertar ou reutilizar os artigos, doar os seus próprios artigos e, acima de tudo, resistir à tentação de comprar novos quando estão disponíveis tantos que já foram previamente estimados por alguém», disse **Emily Connally**.

Parabéns, Emily e Cherwell Collective! O CESE não cabe em si de orgulho. É uma honra e uma satisfação ter contribuído para o vosso projeto fantástico!

NAS PALAVRAS DOS VENCEDORES



Deixar um legado sustentável

Os Avós pelo Clima consideram que as pessoas com mais de 55 anos têm um papel importante a desempenhar na luta contra as alterações climáticas - o seu projeto premiado «As nossas poupanças pelo futuro das próximas gerações» incentiva as pessoas mais velhas a investirem o seu dinheiro de forma sensata, em prol do nosso planeta, e a deixarem aos netos um mundo melhor e mais sustentável. Os Avós estão agora a trabalhar noutros projetos estimulantes que promovem a solidariedade intergeracional e o investimento sustentável.

CESE Info: O que motivou este projeto/iniciativa?

Guy de Koninck: A consciência da nossa responsabilidade pelo clima, enquanto pessoas com 55 ou mais anos, e da força da nossa capacidade financeira coletiva para apoiar a transição rumo a uma economia respeitadora do clima. É difícil saber exatamente como é utilizado este capital, ou seja, as nossas poupanças, e é difícil para nós, enquanto clientes, exercer influência a este respeito. Ao mesmo tempo, a sociedade necessita de capital para se estruturar em torno de princípios mais sustentáveis. É possível articular melhor estes dois mecanismos.

Como foi recebido o seu projeto? Teve alguma reação das pessoas que ajudou? (Pode dar um exemplo, se tiver?)

A nossa campanha foi muito apoiada pela imprensa e por associações de pessoas idosas, como a NEOS, que organizou um seminário connosco e incluiu uma publicação na revista dirigida aos seus membros. As nossas perspetivas e os nossos debates aprofundados com intervenientes do setor financeiro e com ministros foram

alvo de comentários muito positivos.

De que modo tenciona aplicar este financiamento específico para prestar mais ajuda à comunidade? Já está a planejar novos projetos?

Estamos a elaborar um guia do investimento sustentável, a organizar um seminário intergeracional para o ensino secundário e a cooperar com outras ONG. Queremos continuar a desenvolver a campanha com palestras e seminários para associações de pessoas idosas e escolas, bem como ampliar a sua promoção e conceder-lhes mais apoio. Estamos também a ponderar formas alternativas de divulgação, como um jogo de tabuleiro e uma versão da campanha em língua francesa.

Que conselho daria a outras organizações para obterem resultados em atividades e programas deste tipo?

Devem formar uma equipa de campanha competente e dinâmica e reunir informações suficientes que sustentem a mensagem a transmitir. É importante assegurar o reconhecimento das capacidades da equipa e comunicar através de todos os canais modernos para chegar aos cidadãos.

Está otimista quanto à possibilidade de a UE alcançar os objetivos do Pacto Ecológico?

Trata-se de um contributo de importância histórica para realizar a transição ecológica. O maior desafio é pôr em prática os objetivos. Enquanto avós, gostaríamos de contribuir para a ação climática.



[Lugares mais quentes da cidade](#)

Curioso por saber o que os residentes de Liubliana pensam do sobreaquecimento da sua cidade e frustrado porque a administração local nada faz para solucionar o problema, o estúdio de desenvolvimento urbano Prostorož lançou o projeto «Hot Spots», que convida as pessoas a identificar os locais mais quentes da cidade num mapa digital. O projeto obteve um número surpreendente de respostas dos residentes e dos meios de comunicação social, com propostas concretas sobre a forma de fazer face ao sobreaquecimento urbano. Zala Velkavrh, do estúdio Prostorož, partilha connosco o segredo do êxito do projeto e fala sobre os planos do estúdio para o futuro.

CESE Info: O que vos levou a lançar este projeto ou iniciativa?

Zala Velkavrh: Frustração e curiosidade, em doses idênticas. Apesar de o governo municipal estar bem ciente dos efeitos das alterações climáticas e das ilhas de calor urbanas, foram tomadas poucas medidas. Por outro lado, estávamos curiosos por saber o que a população de Liubliana sentia em relação ao calor na cidade durante o verão.

Como foi recebido o projeto? Tiveram algum retorno de informação das pessoas que ajudaram? (Pode dar um exemplo, se tiver?)

Criámos uma aplicação muito simples e estávamos à espera de que a reação fosse modesta. Para nossa surpresa, os residentes de Liubliana e os meios de comunicação social mostraram-se interessados e aderiram à iniciativa. As pessoas indicaram 700 áreas quentes da cidade em menos de três semanas!

De que modo tencionam aplicar este financiamento específico para continuar a ajudar comunidade? Já estão a planear novos projetos?

Vamos reinvestir este dinheiro na cidade de Liubliana. Uma das zonas onde as ilhas de calor urbanas são particularmente problemáticas é o hospital universitário, o maior centro médico do país. Devido à COVID-19, o espaço público em redor dos hospitais passou a ter um novo papel, ou seja, tornou-se um espaço de espera, um espaço onde os trabalhadores fazem as suas pausas e, na altura em que o número de infeções por COVID-19 era inferior ao atual, era também um espaço onde os doentes se encontravam com os seus familiares. Queremos colaborar com o município de Liubliana e com os representantes dos hospitais, dos doentes e dos profissionais de saúde para pelo menos tornar alguns microespaços mais frescos e agradáveis.

Que conselho daria a outras organizações para obterem resultados em atividades e programas deste tipo?

Em vez de falarmos sobre o futuro, tentámos perceber como é que as pessoas vivenciam hoje os efeitos das alterações climáticas. Utilizámos uma linguagem comum e centrámo-nos na experiência vivida por peões, ciclistas e outros utilizadores do espaço público no seu dia a dia, e a resposta foi muito boa. As alterações climáticas já não são uma ameaça abstrata.

Até que ponto está otimista quanto às perspetivas de a UE alcançar as metas do Pacto Ecológico?

Muito pessimista, se tivermos em conta a evolução da energia verde no início deste ano e o facto de que nenhum país da UE realizou os objetivos definidos no Acordo de Paris.



Participar no jogo

Cansadas de ouvir sempre as mesmas desculpas, três organizações não governamentais (ONG) da Estónia - o Movimento Verde, o Fundo para a Natureza e o Centro para o Direito do Ambiente - decidiram participar no jogo e reuniram diferentes partes interessadas para um debate sobre a transição justa num país que tem uma das maiores pegadas de carbono do mundo. O seu projeto de comunicação colocou a tónica na região a nordeste, onde o xisto betuminoso continua a ser o combustível primordial e onde a maior parte dos postos de trabalho depende desta indústria, que será sujeita a uma eliminação progressiva. Não se previa um debate fácil, mas os resultados têm sido encorajadores.

CESE Info: O que motivou este projeto/iniciativa?

Madis Vasser: Os movimentos ativistas ambientais da Estónia apelavam há décadas para a eliminação progressiva dos combustíveis fósseis, mas os apelos esbarravam sempre nas mesmas desculpas: «E o emprego? E a economia? É demasiado difícil. A quem cabe a responsabilidade?». Assim, em 2018, três ONG decidiram lançar um projeto conjunto para conduzir um diálogo construtivo entre todas as partes interessadas dedicado à transição justa no contexto do abandono do nosso principal combustível fóssil, o xisto betuminoso.

Como foi recebido o seu projeto? Teve alguma reação das pessoas que ajudou? (Pode dar um exemplo, se tiver?)

A reação foi positiva. Representantes de todas as partes reuniram-se de facto para debater as questões. Segundo contou posteriormente um representante de um município situado na região de extração do xisto betuminoso, esperava que fosse mais uma reunião inútil sobre o ambiente, mas afinal revelou-se um evento verdadeiramente significativo.

Durante e após o projeto, mantivemos um contacto estreito com a população local, representantes da indústria e dirigentes governamentais. Em parte devido a estes contactos, a Estónia foi um dos primeiros Estados-Membros a finalizar o seu plano territorial de transição justa destinado ao Fundo para uma Transição Justa.

De que modo tenciona aplicar este financiamento específico para prestar mais ajuda à comunidade? Já está a planear novos projetos?

Utilizaremos os fundos para alargar algumas das atividades do projeto inicial, como a coordenação de uma grande rede de ONG para o clima que fomente a cooperação entre organizações locais no âmbito de questões relacionadas com o clima.

Os apoios também serão utilizados para desenvolver projetos de seguimento, dando agora maior destaque ao nível local.

Que conselhos daria a outras organizações para obterem resultados em atividades e programas deste tipo?

Uma ação de formação do programa EUKI (iniciativa europeia para a proteção do clima) preconizava o seguinte: «participem no jogo» e «abracem o conflito». Ou seja, não devemos ter receio de dialogar com diferentes intervenientes, uma vez que poderá ser exatamente este o momento em que as suas ideias estão em sintonia com as nossas.

Ao mesmo tempo, importa não esquecer que algumas partes interessadas poderão ter uma certa desconfiança mútua inicial ou expectativas muito diferentes quanto aos resultados desta cooperação e, por isso, devemos estar preparados para estes conflitos e procurar ultrapassá-los, em vez de os evitar.

Está otimista quanto à possibilidade de a UE cumprir os objetivos do Pacto Ecológico?

Penso que, em última análise, o estado do ambiente nos motivará, primeiro, para aguçar ainda mais as nossas ambições e, em seguida, alcançar esses objetivos mudando o nosso estilo de vida e os padrões de consumo de forma mais sistemática. Não há outra forma realista de atenuar os efeitos mais graves da crise ecológica e climática.



Uma solução com múltiplas vantagens vinda da Roménia

O projeto fascinante «educlick», da ONG romena Ateliere Fără Frontiere, conjuga de forma admirável dois dos temas mais em destaque atualmente, a saber, a justiça social e a economia circular, empregando pessoas de contextos vulneráveis para recondicionar equipamento eletrónico e elétrico usado. Depois de recondicionado, o equipamento é doado a escolas em zonas desfavorecidas. Costin Dragne, da ONG, partilha mais informações sobre o ateliê e o que o Prémio do CESE significa para o seu trabalho.

CESE Info: O que o levou a lançar o seu projeto?

Costin Dragne: O «educlick», o primeiro ateliê da Ateliere Fără Frontiere, foi criado em 2008 para fazer face a dois problemas sociais e ambientais: as escassas oportunidades de emprego das pessoas provenientes de contextos vulneráveis e o elevado número de equipamento elétrico e eletrónico que acaba por ser desperdiçado, sem passar por um processo de reciclagem ou reutilização.

O programa de doação de computadores, que gerimos atualmente com escolas de todo o país, responde diretamente a estes dois problemas: apoia a educação em zonas desfavorecidas ao mesmo tempo que promove o conceito de reutilização, um processo que é muito mais ecológico e reduz a pegada de carbono.

Como foi recebido o seu projeto? Teve algum retorno de informação das pessoas que ajudou? (Pode dar um exemplo, se tiver?)

As escolas, as ONG e as instituições públicas que participaram nos nossos projetos responderam de forma positiva à nossa proposta. Com a sua ajuda, nestes treze anos de atividade, formámos uma rede com parceiros do setor do ensino, através da qual doámos mais de vinte e três mil computadores, que beneficiaram mais de quinhentos mil utilizadores.

Muitos dos parceiros do setor educativo com quem colaboramos chamaram a nossa atenção para o material suplementar de que necessitam para conseguirem adaptar-se à era da digitalização, tal como fotocopiadoras, videoprojetores, ecrãs interativos, etc. Assim, no ano passado, começámos a diversificar a atividade do ateliê, procurando introduzir novos tipos de equipamento no processo de recondicionamento e doação às escolas.

De que modo tenciona aplicar este financiamento específico para prestar mais ajuda à comunidade? Já está a planejar novos projetos?

A equipa já está a trabalhar na organização de novos projetos para equipar mais de duzentas escolas na Roménia, em 2022, com equipamento digital recondicionado no ateliê do «edButtonClick». Este financiamento específico será utilizado para executar esses projetos, em especial para modernizar as infraestruturas do ateliê de recondicionamento (equipamento de proteção, material logístico, ferramentas, etc.).

Que conselho daria a outras organizações para obterem resultados em atividades e programas deste tipo?

Acreditamos que o nosso modelo de negócio pode ser facilmente reproduzido em qualquer Estado-Membro da União Europeia e, por isso, incentivamos todas as organizações a formar parcerias sustentáveis com intervenientes públicos e privados.

Colaborar com instituições e empresas que querem ter um impacto positivo na luta contra as alterações climáticas e na digitalização do ensino através da reutilização de resíduos informáticos é o passo mais importante para o êxito de programas como o «edButtonClick».

Até que ponto está otimista em relação às perspetivas de a UE alcançar os objetivos do Pacto Ecológico?

O impacto ambiental positivo da sociedade civil que temos observado nos nossos parceiros de outros países faz-nos, sem dúvida, confiar mais na possibilidade de a UE atingir os objetivos do Pacto Ecológico.

Enquanto continuarmos a avançar e a aprender com a experiência de outros intervenientes do setor ecológico, temos todas as oportunidades de transformar a UE num modelo de espaço amigo do ambiente.

Pessoalmente, obter o terceiro lugar no Prémio para a Sociedade Civil reforça o nosso desejo de contribuir ainda mais para este objetivo nos próximos anos, especialmente agora que sabemos que contamos com o apoio e o incentivo a nível europeu.



Capacitar as pessoas em situação de pobreza energética

Determinada a mudar a imagem de vítima que acompanha as pessoas em situação de pobreza energética, a associação catalã «Engenheiros sem Fronteiras» começou a organizar assembleias coletivas para oferecer uma plataforma a todos aqueles que têm dificuldades de acesso aos serviços de energia ou água ou em pagar as faturas. Mònica Guiteras, membro da associação, explicou-nos como as assembleias proporcionam a estes cidadãos um espaço seguro e de proximidade, levando-os a compreender que não são vítimas, mas antes protagonistas e agentes de mudança na transição energética.

CESE Info: O que a levou a lançar o seu projeto ou iniciativa?

Mònica Guiteras Blaya: Até ao momento, o impacto da pobreza energética tem sido abordado a partir de uma perspetiva social, o que faz com que as pessoas afetadas sejam rotuladas como vítimas ou mesmo

como culpadas de um «mau» consumo. Para nós, era essencial adotar uma abordagem mais transversal e capacitar as famílias em situação de pobreza energética para serem protagonistas e agentes de mudança no contexto atual de transição energética.

Como foi recebido o seu projeto? Teve algum retorno de informação das pessoas que ajudou? (Pode dar um exemplo, se tiver?)

Os participantes consideram esta iniciativa muito útil, quer porque se sentem impotentes perante as grandes empresas de abastecimento quer porque consideram a atitude das respetivas administrações extremamente burocrática. As assembleias coletivas sobre pobreza energética oferecem às pessoas afetadas um espaço seguro e de proximidade, livre de julgamentos, em que ninguém se arroga mais conhecimentos do que os outros. Trata-se, ao invés, de espaços em que é possível alcançar uma compreensão das experiências de todas as pessoas afetadas, com vista a uma vida melhor, graças à maior quantidade de informação disponível e à participação ativa na sociedade.

De que modo tenciona aplicar este financiamento específico para prestar mais ajuda à comunidade? Já está a planear novos projetos?

O prémio que recebemos contribui muito para aumentar o alcance do nosso projeto. Ainda não conseguimos chegar a muitas pessoas que vivem à margem da sociedade – aquelas que nem sequer sabem que estas assembleias existem. Além disso, este prémio ajudar-nos-á a chegar às pessoas em situação de pobreza energética de forma inovadora e proveitosa. Foi um processo que tivemos de reinventar durante a pandemia, com a organização de assembleias parcialmente presenciais e parcialmente em remoto. O trabalho de inovação, difusão e comunicação, com vista a reunir um número cada vez maior de pessoas muito diferentes umas das outras, é um dos objetivos principais que traçámos depois de recebermos este reconhecimento e financiamento.

Que conselho daria às outras organizações para obterem resultados em atividades e programas deste tipo?

O contacto estreito com as organizações de base, tradicionalmente afastadas da área de atuação de organizações como a nossa, foi fulcral para nós. Embora sejamos uma ONG ambiental, neste projeto, estabelecemos parcerias locais com movimentos pelo direito à habitação condigna e com associações de vizinhos.

Até que ponto está otimista quanto às perspetivas de a UE alcançar as metas do Pacto Ecológico?

A justiça social é crucial para alcançar essas metas, pois é a única forma de garantir que a transição que se aproxima será não só equitativa, mas também ecológica. Temos de realizar um grande esforço, enquanto sociedade, para influenciar os governos e as administrações das empresas e alcançar as nossas metas, garantindo a proteção social, bem como a participação e a capacitação dos cidadãos.

Editores

Ewa Haczyk-Plumley (editor-in-chief)

Daniela Marangoni (dm)

Colaboraram nesta edição

Ewa Haczyk-Plumley (ehp)

Laura Lui (ll)

Agata Berdys (ab)

Kersten Thomas (tk)

Coordination

Agata Berdys (ab)

Katerina Serifi (ks)

Technical support

Bernhard Knoblach (bk)

Endereço

Comité Económico e Social Europeu

Edifício Jacques Delors, Rue Belliard, 99, B-1040

Bruxelas, Bélgica

Tel. +32 2 546 94 76

Correio eletrónico: eescinfo@eesc.europa.eu

O CESE Info é publicado nove vezes por ano, por ocasião das reuniões plenárias do CESE. ?Está disponível em 23 línguas.

O CESE Info não pode ser considerado como o relato oficial dos trabalhos do CESE, que se encontra no Jornal Oficial da União Europeia e noutras publicações do Comité.

A reprodução, com menção do CESE Info como fonte, é autorizada (mediante envio da hiperligação à redação).

02/2022